

# PAPO DE GALO

---

Número 7

24/07/2020

Tiragem apoiadores: 0003

*Voinhos*

*Voinhas*

◆ CONTOS ◆ CRÔNICAS ◆



# PAPO DE GALO \_ revista

A **Papo de Galo\_ revista** é um projeto de **Gabriel Galo**. Ele também escreve, diagrama, administra e o que mais precisar. Antes de entrarmos na apresentação em si, uma prestação de contas.

Nesta sétima edição, conforme anunciado na edição passada, as páginas da revista se abririam para outras vozes. Seriam vários artigos assinados e várias entrevistas, trazendo mais profundidade à pauta.

Adicionalmente, estava planejado para essa semana o lançamento de um podcast complementar à revista e *outras cositas más*. Mas aí decidi duas coisas: 1. publicar a revista na sexta-feira, para que o leitores aproveitem o fim-de-semana para ler; 2. publicar a revista e lançar o podcast simultaneamente. Assim, a pauta ficou para a semana que vem, oitava edição, que sai numa casadinha com esta. Isso mesmo enquanto aqui na central de produção — uma mesa na sala de casa — o computador substituto siga sua função, *daquele jeito*, numa constante relação de amor e ódio, mas fazendo com que esse conteúdo chegue até você.

(Com isso, seu **apoio** é agora mais importante ainda. Apoie a produção independente de conteúdo!)

Voltando à introdução tradicional, agora em primeira pessoa:

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado, mas não melhor que ninguém por isso, em Administração pela FEA/USP, pai, empresário e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Publiquei em outubro de 2018 o livro “**Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018**”, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Tem na [Amazon](#), e minha mãe falou que é bom.

Estou **colunista** do **Correio da Bahia**, do programa **Futebol S/A** e do **Arena Rubro-Negra**. E estou sempre aí correndo atrás para quitar o boleto de amanhã. (Você reparou no quanto a luz subiu este mês? Um horror.)

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E vocês não imaginam como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê. O que importa, estou certo, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você: vamos juntos?

Se o que eu escrevo faz sentido para você, considere **APOIAR**. A campanha no [Apoia.se](#) está no ar.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

[facebook.com/souogalo](#)

[Instagram.com/souogalo](#)

e-mail: [gabriel@papodegalo.com.br](mailto:gabriel@papodegalo.com.br)

Abraço!

**A Maria da Glória, que já  
não lembra; a Maria  
Célica, que já não  
enxerga; a José Perez e  
Leonan, *in memoriam*.**



Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.  
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.  
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0003  
APOIA.se

São Paulo, 24 de julho de 2020

REDES  
SOCIAIS



@souogalo  
@canalpapodegalo



@souogalo  
@canalpapodegalo



@gpgalo



gabriel@papodegalo.com.br



PAPODEGALO.COM.BR



# NAVEGUE

## *\_ Editorial*

6, Dia dos avós

## *\_ Meus avós*

10, A casa do Santo Antônio

14, Histórias de vó

20, Histórias de vô

25, Sexta-feira da transgressão

27, O Opala do meu avô

30, Voinho e Voinha

34, As vias de afeto

## *\_ Outros avós*

38, Senta aí

41, Lugar seguro

## *\_ Crônicas da semana*

É edição especial, criatura. Não vai ter crônicas da semana hoje, não. E olhe que teve várias novas... Quem sabe na próxima, que sai na casadinha com essa? Oi? Como é? Ah, pronto... Nem apoia e tá reclamando? Ó, se sua avó soubesse desse seu comportamento, era só vergonha e desgosto. É isso mesmo o que você quer? É isso? Né, não, que eu tô ligado. Então, viu?, apoie logo de uma vez o Papo de Galo. Agradecerei imensamente, chamarei de chefia e o escambau.

Contribua com a mídia independente!





6

*Aos avós,  
com carinho*





# A sorte que eu tive

**D**entre os privilégios que me obrigo a admitir que tive, está o fato de eu ter convivido com meus 4 avós.

Independentemente de proximidade ou não – meu avô paterno, por exemplo, apesar de muito próximo num ano específico, 1996, pouco fez parte de todo o resto – sobram histórias e aprendizados.

Morei quando criança na casa de 3 desses avós. Na virada dos anos 1990, quando mais um empreendimento empresarial de agora vai de meu pai tinha se tornado não-foi-dessa-vez, mudamos para a casa de chão de cimento batido e brita aparente da casa de meus avós maternos no Buraco da Jia, nos pés da ladeira do Acupe de Brotas, os Alpes soteropolitanos.

Em 1996, quando a bancarrota dessa vez mandara meus pais para recomeçar a vida no Mato Grosso do Sul, ficamos morando os filhos na casa de minha avó materna.

Foi nestes 9 meses entre a despedida ao Centro-Oeste e o reencontro que meu avô esteve próximo, ao seu jeito, ao seu modo, mas ali. Alguém tinha de nos buscar na escola, e lá ia ele, todo dia.

As convivências geraram memórias primorosas, momentos inesquecíveis, bons e ruins. A casa do Santo Antônio, narrada em crônica nessa edição, virou santuário, um portal rumo ao passado, despejando sons que marcaram a trilha sonora da minha vida.

Todos, invariavelmente, deixaram suas marcas.

Com minha avó materna, Dona Maria da Glória, aprendi a proteção incondicional – por vezes excessiva, diga-se, que a gente molda com a maturidade, deixando somente as coisas boas.

De meu avô paterno herdei, Leonan, além da tradição rubro-negra iniciada por ele, o humor ácido, que procuro sempre segurar para não passar do ponto.

Com minha avó materna, Dona Célica, aprendi que denego não tem prazo de validade nem hora ruim de pedir.

Com meu avô materno, Seu Perez, aprendi que, mesmo nos momentos de maiores dificuldades, mesmo que estes momentos durem períodos que parecem eternos, é possível se atravessar o caminho com um sorriso no rosto.

Hoje, as relações estão distantes, no espaço e no ser.

Meus avós se despediram, em 2008 e em 2020.

Minhas avós, uma já não lembra, o que torna as ligações telefônicas comicamente repetitivas, mas é sempre bom ouvi-la com saúde; a outra sofre na escuridão da cegueira e da quase-surdez.

Escolhi, no entanto, que não são essas as lembranças que jamais terei deles.

Prefiro a altivez elegante de meu avô Perez, andando a passos firmes, estampando alegria, careca lustrosa, peito aberto de pano e coberto de pelos; prefiro o toque carinhoso da pele fina e com cheiro de alfazema de minha avó Célica; prefiro as pegadinhas de minha avó Maria; prefiro as histórias incríveis da vida de meu avô Leonan.



Nesta edição especial de Dia dos Avós, eu conto algumas histórias que vivi ou que ouvi com eles.

É, pois, não uma generalização de qualquer-avô-inclusive-o-seu, mas um recorte pequeno do que representam. Não são totalidade: são parte, mas que bem podem ser parte também do que você, que me lê, experimentou na sua vida com seus avós.

Durante a vida toda, chamei-os, e ainda os chamo, de Voinho e Voinha. A Bahia não larga da gente, não importa onde estejamos.

Neste domingo, falei com minha avó. Duas vezes. Em ambas, contei com o mesmo entusiasmo, com a mesma atenção, quantos filhos eu tenho, que estou no segundo casamento, que moro em São Paulo, para ela dizer orgulhosa que teve 5 filhos, brincar, sarcástica, que minha esposa não merecia o sacrifício de conviver comigo e que adora São Paulo, onde viveu por alguns anos nos anos 1960.

E eu seguia empolgado com sua voz, mesmo sabendo que poucos minutos depois do primeiro alô ela já sequer saberia com quem falava, eu lançando “voinhas” na esperança vã de fazer a memória recente ainda vívida, pelo menos na duração da nossa cíclica e repetitiva conversa.

Mas não importa. Agarro-me no que ainda resta de possibilidade de convívio enquanto zelo pelas lembranças. Não posso me conceder o infortúnio de negar respostas e carinho a quem tanto zelou por mim, à sua maneira.

Tive muita sorte de tê-los próximos, lúcidos e fortes durante muito tempo. Isso é privilégio demais. Amo-os todos, onde quer que estejam, nos refúgios de mentes que falham, em corpos que se tornaram prisões, no além-mundo onde matéria é só memória.

Feliz Dia dos Avós (atrasado) a todos.



Vó Leonan



Vó Maria (2016)



Vó Perez, Vó Célia e eu (2009)



— *Meus avós*



10

*A casa do  
Santo Antônio*





# Santuário de infância

**A** gente acordava cedo na casa de minha avó, no Santo Antônio. Casa de pouca frente, mas comprida. Lembranças em cheiro, lembranças em **sons**. O pino da panela de pressão já preparando o feijão do almoço; o papagaio que falava sem parar; se era dia de Célia, as duas velhinhas conversando animadas na cozinha, e no quando em quando, uma, ou outra, descia à área de serviço.

À tarde, eu sentado na mesa da sala de jantar, fazendo lição de casa, enquanto no rádio cantava Marisa Monte, Bem que se quis. Coisas que a mente guarda, sem muito ter nem por que.

Os netos chamando a avó quando acordavam, eu incluído, ora, e lá vinha a velhinha cheia de amor para dar para ajudar no despertar. Acordar com chamego de vó não tem preço.

Às 18 horas em ponto, tradição mantida por apenas uma rádio hoje em dia, o mundo parava para ouvir a Ave Maria de Schubert. Não me fez nem católico nem religioso, mas era de uma simbologia ímpar. Tradições ajudam a manter a memória de um lugar e aumentar o sentimento de pertencimento.

No cair do dia, preparava-se uma panela enorme de polenta cozida, com alguns pedaços de carne, que era a ração dos cachorros. Dois pastores, um alemão e um belga, e eu morria de medo dos danados. O cheiro azedo da polenta em cozimento invadia a casa, me embrulhava o estômago, e me faz correr de milho até hoje. Minha avó

despejava direto da panela na bacia de comida de cada um, que vinham felizes e famintos aproveitar a ceia.

Minha surpresa, isso quando já mais velho, mas ainda guri, descobri que estávamos tão perto do **Pelourinho**. Como assim se guarda uma informação valiosa dessa por tantos anos? Basta seguir em frente, sentido oposto ao Largo do Santo Antônio, no rumo da **Cruz do Pascoal**, quando carro não era impedido de passar, e atravessávamos as ladeiras do **Centro Histórico** no antigo **Monza** de meu avô Leonan, voltando da escola.

Varrendo fotos antigas, encontro uma com os primos sentados no batente da porta, todo mundo pequeno e gordo. Numa outra, tem um até sentado no batente da janela da sala de visitas.



Primos na frente da casa do Santo Antônio. Acima, estou à esquerda; abaixo, no meio. (Salvador, 1986)





A grande sala de visitas, logo na entrada da casa, vivia fechada. Só gente célebre era digna do feito de ser recebida no recinto, embora eu ache que o pouco uso era muito mais por medo de abrir a janela. Dizia minha avó que a criminalidade andava nas alturas pelo bairro, e não queria ninguém espiando dentro de casa. E eu olhando em volta, me perguntando “e vão levar o quê?” Tinha um jogo de sofá que acumulava uma poeira danada, uma cadeira de balanço já antiga, uma mesa lateral com tampo pesado que ela dizia ser de mármore e um cabideiro com espelho, que eu assumo ter sido, um dia, depósito de chapéus e guarda-chuvas dos entrantes. Tudo cheirando a guardado.

Um quadro na parede. Lindo. Um barco a vela no pôr-do-sol.

Não sei onde está este quadro. Minha avó prometeu me dar, mas ela já não lembra, como também já não lembra de quase tudo e muita coisa. Da última vez que o vi, estava enrolado num papel atrás do guarda-roupa dela.

O quarto dos fundos que dava para o porto de Salvador, onde o sol se põe. Em época de transatlântico, lá vinha ela mostrar quais eram. Tinha um certo orgulho daquilo, embora eu não visse muita graça em transatlântico, nem conseguia entender por que era tão legal ter um atracado no porto. Até hoje não entendo, posso apenas confabular.

A escada íngreme que levava para os quartos de cima, onde um dia, um deles foi o meu e de meus irmãos. No sótão, com um socavão que ela dizia para nunca entrar, que poderíamos cair na sala de visitas, pela fragilidade das vigas. Se já pela porta a sala de visitas não podia ser acessada, pelo socavão é que não haveria de ser. Ora! E eu me perguntava que diabos menino ia fazer no socavão? Ficava valendo o aviso.

Durante muitos anos, o reboco da antiga construção esteve à mostra. Das vigas do

andar de cima o caía o roído da serragem, trabalho de cupins a corroer a madeira do chão, mesas, e mais qualquer coisa que do material fosse. Você comendo e o farelo se misturando com a farinha. O piso quase todo em cerâmica com muitos pedaços partidos, outros sem pintura, já gastos.

No banheiro, a água que descia quase sem pressão, fazendo do banho um exercício, sobretudo, de paciência. Ali, também, sempre a última edição de Domingo do A Tarde.

Foram muitos anos naquela casa.

Quando por ela passo, tudo o que se desfez na rigidez dos sempre problemáticos relacionamentos familiares é deixado de lado. Mas há muito lá não entro. Não suportaria vê-la envelhecer sem formosura, entregue ao tempo e ao seio do “não tenho nada com isso”, vendo o tempo fazer companhia aos cupins.

E eu me pego, vez ou outra, me perguntando onde anda o quadro.

Entendo os guardadores de relíquias. Se tudo o que me resta são lembranças e algumas parcas fotografias, um item preservado é a representação de que não estamos ficando loucos, que ali um dia estivemos, de lá viemos e por ali fomos moldados.

Ficaria bonito aqui na sala de casa. Me dando a oportunidade de, sempre que eu quiser, poder voltar para o dia em que eu era apenas um quase-ninguém querendo apenas o dengo da avó.

\*\*\*

Crônica de 13 de março de 2017.





Fundos da casa do Santo Antônio, com vista para o Porto de Salvador. (Salvador, 2019)



14

*Histórias de  
no*





# Anedotas de verdade

**Q**uando meus pais se mudaram para Campo Grande, em março de 1996, ficamos morando na casa de minha avó paterna. Dona Maria da Glória. Voinha. Lembrar de vó rende, então senta que lá vem história.

Morava no Santo Antônio Além do Carmo, fundos dando para o pôr-do-sol mais belo da Bahia. Vista linda. Neste quarto dos fundos você era acordado pelas sirenes do quartel do exército logo ali embaixo. Ou então pelas canções da corrida matinal dos soldados, que pelo molhado das roupas, começavam ainda quando noite.

Protetora ao extremo. Se pudesse, aninharia todos os filhos e netos debaixo da asa. Noras, não. Coitadas, estas comeram um dobrado na mão da velhinha. Honrou o significado da palavra sogra. Deveriam se fazer contos de terror baseados nas artimanhas dela.

Voltando, que divagar é fácil.

Protetora. Ao extremo. Em 4 anedotas.

\*\*\*

Amava-nos imensamente, a velhinha, e ainda ama, quando a cabeça lhe deixa lembrar-se. Ficou num sofrimento que só ela quando nos viu partir no fim daquele ano. As asas dela não tinham cobertura interestadual. Apenas telefônica, e olhe lá.

\*\*\*

Crônica escrita em 22 de setembro de 2016.



Vó Maria (Itabela, 2016)



# 1.

Logo embaixo da casa de minha vó passa o túnel Américo Simas. Inaugurado em 1969, antes mesmo de ela ir morar lá. Foi fundamental para a época, ligava diretamente a 7 Portas e Nazaré ao Comércio e Porto de Salvador, sem ter que passar pelo apertado bairro do Santo Antônio ou então ter que fazer uma volta enorme pela Contorno. É até hoje o túnel mais movimentado da cidade.

Havia uma falha na execução deste tão importante acesso viário da cidade: ele corre o risco de desabar. Isto, claro, segundo Voinha.

– Menino, não vai pular aí no fundo senão este túnel desaba!

O fundo era o quarto dos fundos. Fico imaginando a reunião de engenheiros falando sobre a obra. Depois de entregue, vão se reunir com o prefeito.

– Que sucesso! Gostaria de parabenizar a todos vocês pela obra!

– Senhor Prefeito, com sua licença, é bom ter algo muito importante em mente.

– Aconteceu alguma coisa?

– É que já fizemos e refizemos nossos cálculos dezenas de vezes. A estrutura do túnel é muito boa. Aguenta toda a ribanceira do Santo Antônio, casas podem ser construídas sem problemas, tráfego de veículos foi projetado sem qualquer limitação. Mas há um detalhe que pode fazer tudo desabar.

Silêncio.

– O pulo de uma criança no quarto dos fundos daquela casa ali, ó, e apontava com um pedaço de madeira para a fotografia ampliada na sala.

E o Prefeito, desesperado:

– Tenho que avisar Dona Maria urgentemente!



## 2.

Não era uma vez ou outra. Eram todas as vezes. Dado que eram quase sempre dois banhos por dia, mas outras inúmeras idas ao banheiro, o aviso vinha, infalível.

— Olhe lá... Não vai ficar de pé no vaso, menino, você vai se machucar.

Eu não fazia ideia do que levaria uma criatura a subir de pé num vaso sanitário. Estado máximo de demência, talvez? Nunca pensei em fazer. De tanto alertar, juro, me bateu uma curiosidade. Mas nunca fiz, lá sou menino amarelo por acaso?



### 3.

- É dor de garganta.
- Mas minha vó, eu torci o pé!

Existe apenas e tão somente uma causa para todos os problemas da humanidade: a dor de garganta. Dava uma volta, negócio rocambolesco, para cair no colo de alguma tosse ou incômodo a causa de qualquer enfermidade. E tome remédios, xaropes. Cebion era Fanta nessa época.

## 4.

Nada, no entanto, se comparava ao que se segue abaixo.

Éramos terminantemente proibidos de sair à rua sozinhos. Eu e meus irmãos. Nunca. Nem pensar.

— Calado, que calado você já está errado. Não vai sair.

— Por quê?

Ah, o porquê... Que haveria de ser se não apenas um “porque não tenho como cuidar”? Criança não entende, é no tentar se fazer entendido que o bolo desanda.

Pense agora num motivo. Qualquer um. Feche os olhos. O que sua avó diria para justificar?

A minha criou uma história que durante anos deve ter causado traumas nas nossas vidas.

— Porque o viado vai passar a mão no seu pinto.

PORRA! Como assim? Ninguém vai passar a mão em mim não!

Ficava imaginando viado andando na rua, na boa, cuidando da sua vida. De repente, uma criança. Começa a suar frio. As mãos tremem. Fecha os olhos como a dizer a si mesmo “não faça isso”... Mas, num ímpeto mais forte que seu saber-se errado, corria e dava aquela patolada de mão cheia. E seguia correndo, satisfeito e envergonhado, pelos becos sujos do bairro.

Fui ficando mais velho, e claro, aquilo não fazia o menor sentido. Virou chacota. Meu irmão ouvia a mesma coisa. Minha irmã, quando mais velha, ganhou sua versão adaptada.



**“VOINHA, SORRIA PRA FOTO!”**



**SALVADOR, OUTUBRO DE 2015**



21

*Histórias de  
nô*





# 1996, o ano que valeu por todos

**C**onvivi muito pouco com meu avô Leonan, pai de meu pai. Apenas recentemente fui relembrar sua história avó paterna. Dona Maria da Glória. Voinha. Lembrar de vó rende, então senta que lá vem história.

do triunfal Opala em Mutá, assim como resgatei do baú de coisas guardadas nosso x-burger em plena sexta-feira santa. Até 1996, quando eu caminhava a passos literalmente largos – cresci de 1,74m a 1,92m neste ano – ele era figura inexistente. Nos 9 meses que separaram a ida de meus pais para Campo Grande e os filhos lhes seguirem, quando ficamos na casa do Santo Antônio com minha avó, ele finalmente esteve por perto. Os termos do arranjo me serão eternamente desconhecidos, importando apenas o fato de que, durante quase um ano letivo inteiro, ele nos buscou na escola depois da aula para nos levar para a casa de minha avó. Pela manhã, uma vizinha nos dava carona. Quando algum dos dois não podia, bora de buzu que é como a Bahia se locomove – agora também de metrô.

Meu avô tinha um senso de humor muito peculiar. Era, digamos, bruto, e dotado de um sarcasmo motosserra, explicitando seus pensamentos, disfarçados em brincadeira. Do lado paterno da família, para sobreviver eram necessárias duas virtudes: resignação e malandragem. A primeira porque sempre tinha alguém tentando te jogar para baixo, coisa de parente da gravidade – a de Newton, entenda. A segunda porque sarcasmo se responde com sarcasmo, não se aceita o

silêncio, para eles, símbolo da vitória. Então, se vire nos 30 desde guri!

No que evoluiu para coisas fantásticas que a Bahia possui que são as competições de duplo sentido. São duas as regras: a primeira, não caia na armadilha. A segunda, devolva um duplo sentido com direção invertida. Amizades são forjadas na base da pilhéria. Meu pai me contava, orgulhoso, de uma dada vez com Sergio Faria, o Catarro Verde em pessoa e metafísica, quando vararam dia e noite a trocar chumbos e outras mumunhas, briga para ver quem era mais escroto e perspicaz que o outro. Ria-se gostosamente.

Ah, sim, meu avô e o ano de 1996.

Descobri depois de muitos anos, nas palavras de meu pai, de uma das atividades que mais agradava a meu avô: criar com os filhos – ou netos – a viagem de férias que nunca fariam. Talvez fosse uma maneira de manter a criançada entretida por muito tempo sem lhe dar trabalho, mas a verdade é que o sacana gostava disso. Tinha mapas enormes no escritório de sua casa em Salvador, herança de quando varria o estado, e ali exibia roteiros. Sugería algo, e falava para as crianças pensarem por onde passar, quantas noites, qual estrada pegar, afinal, era viagem de carro em família. De vez em quando voltava, perguntava o que tínhamos feito, e sempre retrucava “temos só duas semanas”, ou “mas essa estrada é perigosa”, ou “vixe, essa cidade aí não dá, já estive lá”, o que nos obrigava a recomeçar quase do zero. Nós, crianças, não entendíamos nada quando os planos viravam fumaça e vapor. Mas, qual o quê, na seguinte vez, nos debruçávamos sobre sua mesa preparando as etapas da próxima, que “dessa vez, vai”.

Nunca fomos.

\*\*\*



A Sacramentinas, colégio onde estudávamos todos, era de freiras, o que em absolutamente influenciou a minha decisão religiosa. Fica pertinho do Teatro Castro Alves, se utilizada a saída principal, e tem uma saída auxiliar, onde os pais e responsáveis se aglomeravam aguardando o rebento cheio de fome e sede de almoçar. Era neste portão que chegava o Monza de meu avô.

Entrávamos e seguíamos para a casa de minha avó, experimentando de sua acidez no trajeto. Se de mau humor, melhor nem que se ouça um pio. Se de bom humor, coisa boa não haveria de sair, mas nos divertíamos um monte. Contava suas histórias, sua fala enrolada de propósito para encher o saco do menino pentelho, da menina traquinas. Havia duas opções principais de caminho, cruzando ou o Dique do Tororó ou o Pelourinho, preferencialmente o segundo, mais rápido. Assim que se sobe a Ladeira do Carmo, contorna-se o Convento do Carmo, segue-se até a Cruz do Pascoal e invade-se a Rua Direita de Santo Antônio. Guardaram segredo durante muitos anos sobre essa proximidade do Pelourinho à casa de minha avó. Certa feita, neste mesmo ano de 1996, tomei, sozinho e inerte, passos lentos rumo ao Terreiro de Jesus procurando um CD para comprar, meu primeiro que seria, e trouxe de volta, triunfal, o Alfacamabetizado, de Carlinhos Brown, além do gosto de vitória por não ter sido assaltado.

O bom humor de meu avô, carinhosamente chamado de Chevolé por seu Mamede Paes Mendonça por conta de seus anos a montadora, era facilmente confundido com rabugice. Lidar com o velho era coisa para iniciados, veja bem. Odiava perfumes e, pândego, se referia a todos de que não gostava como “ô homem inútil”.

Numa dessas, chuva torrencial em Salvador, estávamos cortando o Dique do Tororó sem orixás no sentido da velha Fonte. Meu avô, sádico, avista um ponto de ônibus, onde





alguns poucos se juntavam encolhidos, escapando da água que caía. Na frente, já na rua, por conta do peso dos buzus e seus para-e-anda que buraco fizeram, uma grande poça d'água. Ele acelera o Monza, muda de faixa para a mais à direita, e somente fui perceber o que estava por acontecer quando vi uma mulher desesperada, subindo no banco do ponto e se protegendo em precaução – inutilmente – em posição meio de lado, quase fetal, como escudo as mãos e uma perna, da onda que subiu encharcando e achincalhando.

Sua alegria favorita, dentro da amostra que me era possível colher, no entanto, era abusar – perturbar, azucrinar, em baianês – os flanelinhas do Pelô. Quando descíamos a ladeira do Largo do Pelourinho, invariavelmente, lá vinha o camarada, pano na mão, apontando para uma vaga disponível antes mesmo de chegarmos ao vale onde em frente se ergue a Ladeira do Carmo, à direita se abraça a Baixa dos Sapateiros e à esquerda a pobreza aumentava. Ele abaixava os vidros, reduzia a velocidade, e o danado vinha ter à sua janela, “Tem vaga ali!”, meu avô apontava com o dedo indicador para o vazio entre os carros, “Ali? Ali?” e o flanelinha, “É!”, “Ali, então?”, “Isso”, “Posso parar?”, “Pode, eu cuido!”, “Jura?”, “Pode ficar tranquilo!”, no que ele passava, acelerava um pouco e deixava o danado feito de besta para trás, retado, cuspiendo em gritos e dedo do meio em riste.

\*\*\*

Na parte que me cabe imaginar, está agora com meu pai, se divertindo no além-mundo, comendo um mocotó com gordura extra, uma rabada com caldo engrossa-sangue e pirão de enfarte, ambos virando os olhos para qualquer pedaço de bunda que lhes cruzem a vista.

\*\*\*

Crônica escrita em 22 de junho de 2017.



Vô Leonan

**APOIE!**

Contribua com a mídia independente!



**APOIA.se /  
PAPODEGALO**



25



*Sexta-feira da  
transgressão*





# Pecado de Páscoa

**P**or algum motivo que jamais poderei ser capaz de me lembrar, estava numa sexta-feira santa, ainda pela manhã, com meu avô Leonan, na Barra, em Salvador. Meus pais tinham seguido para Campo Grande para recomeçar a vida, filhos chegariam depois. Morávamos com minha avó na casa do Santo Antônio. As relações entre meus avós não era nem um pouco amistosa, mas foram obrigadas a serem restauradas ao mínimo possível por conta da necessidade provocada pela ausência de meus pais.

Meu avô era uma figura ímpar. Haverá mais dele.

A manhã correu rápida e o meio-dia se aproximava. A fome começava a apertar. Seguindo pela avenida da praia, avistamos uma lanchonete.

Você, como bom cristão num país tradicionalmente cristão, sabe que a tradição diz que a sexta-feira santa é dia de comer bacalhau. Se o orçamento não permitir, qualquer outra coisa, mas não me venha comer carne! Tem uns fazem promessa, 40 dias de jejum, não bebem Coca-Cola, sem chocolate, glúten e lactose. Peixe é o mínimo que a sociedade exige, tipo peru no Natal.

Eu, ingênuo, pergunto um tanto espantado:

— Hambúrguer?

Deu curto na minha cabeça de menino besta. Rapaz, não podia, era muita heresia!

Ele apenas sorriu.

Entramos na lanchonete que estava, conforme era de se presumir, vazia. Éramos os únicos no salão. Pude reparar nos olhares surpresos das atendentes. “Porra, véi...”, se eu tentasse, poderia ouvir. Claramente, não estavam felizes de estarem ali.

Ele vê o menu nos cartazes acima do balcão. Olha interessado, fazendo cara de escolha. “Já escolheu?” Ele fala virando para mim, que apenas respondo com cara de “posso?”

Ele toma à frente, dirige-se ao caixa.

– Quero um cheeseburger com batata frita e Coca-Cola. O mesmo para o meu neto.

No que trazem a bandeja com nossos lanches, sentamos na mesa. Ele saboreia seu cheeseburger com um amplo sorriso no rosto. Eu, claro, adoro, que menino que não gosta de hambúrguer, afinal? Ainda mais quando não podia! Era alegria demais.

Era sua maneira de mandar às favas as tradições que considerava sem sentido, de se insurgir contra o sistema.

Ensinou-me, da sua maneira, a sempre questionar o status quo. E que, se for fazê-lo, ainda melhor que se divirta com a cara de espanto dos outros e se deleite com sua própria audácia. Se vier acompanhado de um hambúrguer, tanto melhor.

E que se não for por tudo isso, que seja só de sacanagem mesmo.

Transgressão, para mim, tem gosto de cheeseburger.

\*\*\*

Crônica escrita em 15 de abril de 2017.



27



O Opala do  
meu avô





# A chegada do automóvel à vila do Mutá

Foi no ano de 1970 que meus avós compraram a casa de Mutá. Casebre, não pense que tinha nada de luxo, porque em vila de pescadores luxo é ter piso na sala. Não havia interruptores, tudo se ligava na base do fio desencapado. O chão era de cimento queimado, via-se chumbinhos misturados na massa, como há de ser em qualquer lugar por lá. O que variava era ter, ou não, cimento. As camas eram de madeira, colchão fino de sentir o estrado, e mosquiteiras que garantiam a sobrevivência durante a noite contra o ataque das muriçocas.

Dessas coisas que a gente desconhece, minha ex-mulher adorava camas que tinham os tecidos leves e finos por cima. No meu explicar da função, todo o encanto se esvaiu. É, seria melhor, mesmo, continuar achando que aquele tecido era específico de camas de princesas para acolher e repousar. Mais romântico assim.

Meu avô trabalhava na Chevrolet, ou Chevolé, como o chamava Mamede Paes Mendonça. Tinha para si, à disposição, os carros mais novos e as versões mais luxuosas. Em 1969 pegou ele um Opala bege, com estofamento de mesma cor, lindo. Tinha sido o 240° a ser fabricado no Brasil, e era apenas o quinto a entrar na Bahia!

Acostumado a chegar na vila a bordo do Nuvem Azul, decidiu fazer o caminho por terra, e colocou o Opala para desbravar a estrada.

Mas onde passa burro, não necessariamente passa carro.

Mutá é abrigo de mangues, ou melhor, o mangue abriga Mutá. A estrada era enlameada, e, apesar de já estarmos na década de 70, nunca que veículo tinha aparecido por lá.

Até o senhor Leonan Mantero Toscano de Britto.

Como o trajeto demanda, saiu a direita na BA rumo a Mutá e... atolou.

Os primeiros locais, ao avistarem o grande bicho de olhos redondos e gradil a tomar-lhe as ventas, saíram em disparada a avisar a todo mundo. Tinha gente que nem sabia o que era esse tal de automóvel, não somente na vila, mas na vida.

A horda saiu em disparada para ver o que acontecia.

lam chegando e vendo o grande Opala parado na lama, com meu avô de pé do lado da porta, esperando auxílio.

O progresso havia chegado, mas ia precisar da boa e velha força manual para fazer-se presente de vez.

## O CARRO CERTO: CHEVROLET OPALA

Muito prazer, Chevrolet Opala. É harmônico, bem dosado (veja o motor, a obediência irrestrita que não é um só, são quatro). O grande polivalente, prático e leve, automático mais automotivo do Brasil. Há o 2000 e o 2500 De Luxo com 4 cilindros, O 3000 e o 3800 De Luxo (ambos com 6 cilindros). Toda uma nova geração de automóveis. Olhe, entre no Chevrolet Opala. Prove, sinta o com atreção e sinta o mestre da Chevrolet Opala. Olhe para suas linhas e cores e veja como tudo a resposta imediata e fácil do

Um carro em quatro temperamentos

CHEVROLET  
Opala



MARIA GASOLINA



Os mais fortes se colocaram nas laterais, e onde o Opala atolava, içavam o grande bicho no muque, como andor ou como liteira, tal qual uma divindade ou rei carregado no ombro pelos súditos, para não lhe cansarem as pernas nem lhe sujarem seus preciosos pés. Neste caso, no entanto, o Opala já se havia lambuzado inteiro na lama.

Mulheres, crianças e mais quem não tivesse ou força ou vontade, iam atrás, acompanhando o cortejo armado para o deus automóvel, carregado nos braços do povo!, admirando a adoração que se fazia.

Quando o carro finalmente despontou na vila, até foguetório teve!

Viva ao progresso!

E alguns olhavam de canto de olho, ressabiados, com cara de diabéisso?, aquela aberração cor de jegue claro que chegava para, em definitivo, alterar a rotina da cidade.



Varanda da casa de Davizinho (Mutá, 2019)

\*\*\*

Crônica escrita em 8 de fevereiro de 2017.



Janela da casa de Davizinho. (Mutá, 2019)



30



*Vovinho e  
Vovinha*





# *Todo amor do mundo, até a lua e voltando*

**N**o dia em que me casei, 06 de setembro de 2009, eu e minha ex-mulher atravessamos o corredor até o improvisado altar cercados de amigos, parentes, conhecidos, colegas de trabalho e gente com quem perdemos contato, propositalmente ou não. Sentados na primeira fileira do lado direito estavam meus avós maternos, Seu Perez e Dona Cécica. Um dia antes eles haviam completado 50 anos de casados. Festa em dobro! Tínhamos sobre nossos ombros a responsabilidade da renovação do casamento, duas gerações mais tarde.

Na época, Voinho, no auge dos seus 76 anos, Voinha com seus 80 anos.

Quando mandamos a Salvador as passagens para que eles, então, viessem a São Paulo, a preocupação foi geral. Não por meu avô, esbanjando saúde. Na primeira vez que voltei a Salvador no fim de 2007 e o revi depois de 11 anos, encontrei-o carregando uma máquina de lavar-roupas com o filho mais novo, meu tio Bola, pelos corredores do apertado emaranhado de casas do Buraco da Gia, travessa da Vasco da Gama encrustada entre a ladeira do HGE a do Acupe de Brotas. O negócio era como Voinha reagiria à viagem de avião, a estar fora de casa. Já sofrendo pela diabetes, tinha dificuldades em caminhar, em escutar, em enxergar. Teimoso que sou, bati o pé, “Voinha vem!”, e ela veio na caravana da velha cidade da Bahia, algo como duas ou três semanas antes do casamento, volta marcada para ou uma duas semanas depois. Seriam, enfim, férias para eles.

O que era preocupação virou espanto.



A casa onde minha mãe morava tinha uma escadaria íngreme que dava para o segundo andar. Inebriada pelo ar de Santana de Parnaíba, cidade histórica da região metropolitana de São Paulo, não pela qualidade do ar que se respira por lá – mistura de poluição com o fedor poderoso do Rio Tietê – mas talvez pela renovação do ambiente, Voinha rejuvenesceu 10, 15 anos. Máquina do tempo! Enxergava e ouvia como lhe aprouvesse. Subia e descia as escadas continuamente, como num exercício. Não porque tinha afazeres, mas porque PODIA. Sentia-se energizada, feliz. O mundo se reabria para ela.

No dia da festa, Voinho era o centro das atenções. Dançou, pulou e cantou até altas horas da madrugada. Todos queriam um pedaço do velhinho.

Acontece que ele tem – e por falta de palavra melhor, vai essa – uma aura contagiante. Meu avô é dessas pessoas que dá vontade



de ficar abraçado o tempo inteiro. Apesar de uma vida sofrida, dura, pesada, o sorriso inigualável no rosto. Todos querem ser netos de Seu Perez. Seu carisma transborda.

Ele vive de uniforme em casa: bermuda com chinelo de dedo, sem camisa, muito pelo no peito e nada na cabeça. É o Careco. Fez de pintor sua profissão, em especial pintando ou restaurando fotografias antigas. Lembro bem de sua loja, seu ateliê como-deu-para-fazer, descendo as escadas da casa hoje repartida entre quase todos os filhos.

Voinha é vaidosa. Vivia sentada na calçada em frente da casa enquanto alguém lhe penteava o cabelo, lhe fazia as unhas, lhe empetecava tal cousa e lousa. Fanática por doces, hoje só pode diet. Da última vez, comprei-lhe balinhas de banana, dessas sem nada a não ser a fruta. Já inteiramente cega, abriu o papel com expectativa, para depois de pô-la na boca, deitar-se no meu colo dizendo “hummmm... Que delícia!” Comeu tantas quantas pôde, sem remorso. Se derrete toda quando eu pergunto se tem alguém no mundo com uma Voinha mais linda do que eu.



Nas minhas idas a Salvador, ganho horas no Buraco da Jia. Vou direto vê-los. Encontro-a deitada em sua cama, para eu chegar abraçando, beijando e carinhando. “Adivinha quem é?”, falo eu no pé de seu ouvido. “É Gabriel?” Responde ela. “Sou eu!”, e ela responde com um sorriso do tamanho do mundo, me agarrando num mata-leão pelo pescoço, “Meu neto!”. Agora, sim, quer ir para a sala. Sentamos no sofá, ela de um lado, meu avô do outro, eu no meio. Sempre de mãos dadas com ela e de conversa mole com Voinho. Ela faz carinho, puxa minha mão, dá beijos. Intercalando vez, pergunta como vão meus filhos, Carolina, meus irmãos, meus sobrinhos, cônjuges de todos. De ávida memória, pergunta de cada um e faz questão de dizer as datas. Quer mostrar que lembra, que algo nela ainda funciona. Já quase não pode escutar, caminha com dificuldade. Diz Valter Hugo Mãe em seu “a máquina de fazer espanhóis”, “ser-se velho é viver contra o corpo.” Mas para carícia, não há idade máxima.

Voinho oferece um café, passado na hora. Aceito sem nem pensar duas vezes. Fui acometido por uma curiosidade enorme sobre sua vida. Quero saber, de cabo a rabo, do começo ao fim. O que começou devagar, “nem tem tanta coisa assim para contar”, agora se abre com mais desenvoltura.

São 9 filhos, entre naturais, adotados e puladas de cerca. Cidades, estados, negócios, falências, pintura, amores, amigos, trabalho, causos. Há muito e há belo.

A cumplicidade dos dois é emocionante, e de certa forma, apaixonada.

Mesmo com os 90 anos de aproximando, Voinha é ciumenta.



O que passa é que Voinho foi um galanteador na juventude. Os galanteios viraram querer bem, e tome gente a querer estar perto do Careco. Homens, mulheres, novos ou não, pouco importa. Ao mesmo tempo, ele é a peça central que mantém a família com unicidade. Para Voinha, no entanto, basta rabo de saia desconhecido e desenxabido circundar o marido que há de lhe roubar o homem. Ela toma medidas drásticas. Protege seu quintal com afinco e destemor. Uma vez, há alguns anos, dizia-se cansada, sem querer levantar-se da cama. Ouviu, ao fundo, a voz de uma mulher. Perguntou a minha tia quem era, que respondeu que era uma amiga de meu avô que tinha vindo vê-lo. Pois num pulo pôs-se de pé, vestiu-se, tomou seu banho de perfume e saiu correndo atrás de meu avô, para divertimento de todos.

“Sei bem o que ela quer com ele. PEREZ!”

Este ano eles completam 58 anos de casados.

Juntos, inseparáveis.

Para meu avô, a certeza de que sua vida hoje tem como objetivo único cuidar de minha avó. O faz com todo zelo, no máximo que pode. Ainda forte, embora sustos tenham ocorrido, carrega, dá banho, alimenta. Nunca, nem por um segundo, reclama. Ela é a velhinha dele, e ele é o velhinho dela.

“Perez!” Ela o chama, para que ele venha ter com ela. “Que foi?”, pergunta ele dando-lhe as mãos. Ela nada diz, puxando-o para que ele se sente ao seu lado. Ele sorri: é a sua declaração de amor. E ali, de mãos dadas, namoram à sua maneira a vida que lhes resta.

\*\*\*

Crônica escrita em 26 de julho de 2017.



Vô Perez e Vó Célia (Salvador, outubro de 2015)



34

*As vias de  
afeto*





# É inegável: carecemos de afeto

**D**e fato, o alcance do coronavírus excede a doença em si. Se não conhecemos ainda o desfecho e seus impactos, estamos vivendo seu decorrer com inquietude. Porque por mais que os exercícios em casa ajudem, que as lives de músicos famosos – ou nem tanto – se multipliquem, que a reprise do futebol relembre momentos de glória, que os streamings colaborem entre si e que escritores tenham liberado suas obras a preços simbólicos (quando não gratuitamente), somos feitos de conexões e de contato.

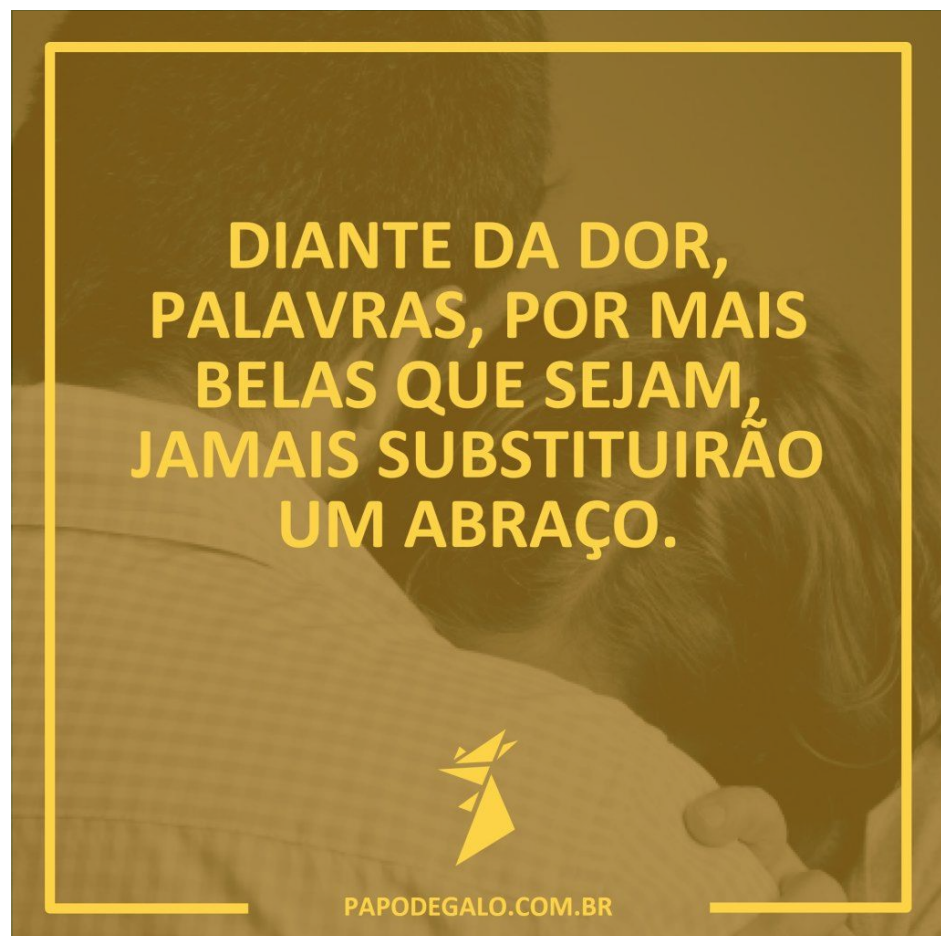
Nesta semana última, dia 7 de abril, faleceu meu avô, José Perez. Voinho viveu 87 anos de uma vida dura, mas à qual nunca se dobrou em amargor, navegando pelas tempestades com sorriso incontornável. Não, não se foi de covid-19. Despediu-se quando jeito não havia, até ele também não mais ser.

Mas, pois, tempos bicudos. Na quarentena necessária, cerimônia não é permitida. Voo não tem. Resta à sua legião de admiradores lidar com a ausência definitiva à distância. Não estou só: como eu, há muitos, de tantos outros casos e gentes com nome, sobrenome e querência.

De cá, a vídeo-chamada, tão valorosa, mostra-se insuficiente. Diante da dor, palavras, por mais belas que sejam, jamais substituirão um abraço. Poder estar com Mainha, sua cuidadora no ocaso da vida, e oferecer colo, sentimento, presença, calor, não tem preço.

Um “vai ficar tudo bem” na frieza na tecnologia nem se compara àquele ao pé do ouvido, em que se compartilham lágrimas, em que o sofrimento não se retrai numa demonstração tola de força, pelo contrário, se escancara em soluços qual tropeções, enfatizando o silêncio que toma o seu tempo até que palavra qualquer seja expelida, se tanto.

É inegável: carecemos de afeto.



Mas, ao mesmo tempo, somos dúbios, contraditórios. Tivéssemos aprendido com os exemplos de Itália, Espanha e EUA, estaríamos, quase 1 mês depois de assinado o isolamento mandatório, retomando à normalidade. Só que, infelizmente, subestimar riscos dentro da proteção do grupo, como se fôssemos inatingíveis individualmente, é parte inerente da nossa evolução. E em vez de estarmos debatendo retomada de economia e um possível exagero de prevenção (não seria justamente este o papel da prevenção, que o perigo pareça um abstrato exagero?), estamos dando voltas no próprio eixo, retroalimentando discursos que esticam a crise a níveis potencialmente insustentáveis.



Enquanto isso, Voinho se vai, isolados, se podemos, devemos ficar e a celeuma se repete. Neste cenário, vamos reinventando conexões, criando novas mídias e ressignificando as vias de afeto, desejosos de que um dia, eliminado o inimigo invisível, possamos, enfim, nos reunir sem pudores ou senões, talvez com um tanto de álcool em gel, oferecendo o contato e proximidade como bens maiores.

Decerto, sabemos, tudo vai passar, mesmo que o caminho seja cheio de armadilhas. Levo, então, comigo a lição de meu avô, de jamais ceder à tentação de desistir e procurar o sorriso e o carinho como meios de superar desafios e de construir pontes de conexão humana. Com o resto, a gente se vira.

\*\*\*

Crônica escrita em 13 de abril de 2020.



**Vô Perez (Salvador, outubro de 2015)**

★ 23/01/1933

† 07/04/2020



— *Outros avós*



38



*Senta aí*





# É inegável: carecemos de afeto

**N**o interior do Mato Grosso do Sul, já na porta do Pantanal, vive vovô, o Seu Nonô. Durante muitos anos viveu em São Paulo, onde poucos quilômetros o separava da nossa casa. Quase todo fim de semana a família se reunia, e não havia alegria sem ele.

Se ia até nossa casa, chegava sempre de bolso cheio. Uma bala, um chiclete, um chocolate. Se íamos até ele, era uma bacia de doces, um bolo quentinho, um colo sempre disponível, um cafuné despreocupado.

Dele ganhei meu primeiro ioiô. Meu primeiro álbum de figurinhas. Minha primeira aula de música.

Na minha cabeça de guri, podia tirar tudo isso, não importava. O que o fazia um ser mágico eram suas histórias.

Tinha um dom. Despertava a fantasia e incitava a imaginação da criançada, que interagia cheia de energia no meio dum caso.

— Mas, vovô, cavalo não fala!

— Eu sei que não, mas esse cavalo não sabia que cavalo não falava. Pois falava que não parava! Tive que convencer o bicho de que ele era bicho. Treinamento que durou meses, mas com sucesso, nunca mais ninguém ouviu aquele danado falar suas abobrinhas.

A gente não conseguia se segurar quando ele chegava.

— Vovô! Conta uma história?

Era um tal de pular na perna, puxar a camisa, cutucar o braço.

Seu Nonô virava-se para quem estivesse na palestra com ele e dizia, sem virar para a gente:

— Eu já te contei da vez que... e terminava com uma pergunta sobre algo fantástico, piscando o olho.

Já começávamos a gritar de felicidade logo ali!

— Não! Não contou! Conta! Conta!

— Senta aí.

Daí juntava aquele mundaréu de irmãos, primos, vizinhos e amigos, todo mundo no chão, pernas cruzadas e mãos apoiando a cabeça. E ele nos levava a viagens por tudo quanto é canto! Dali a mais um pouco, barulho de molecada protestando seguida por uma sonora gargalhada.

\*\*\*





Com a distância, nós aqui e ele lá, reduziram significativamente as interações. Não menos saborosas, no entanto.

Aprontamos a família para a viagem, férias de fim de ano que duram mais de mês, e mais uma aqui e acolá, quando dá.

Passeamos a cavalo, pescamos, colhemos o que vai ter pra janta. No preparo, um dedo de prosa. Lá vem meu mais velho, cheio de energia, e começa a repetir o padrão, repuxando o biscoito já oitenta, que rejuvenesce uns 30 anos:

— Já te contei de quando a gente mudou pra cá uma onça entrou no nosso quarto no meio da noite?

Desta vez, o alvo da piscada era eu. Destas agruras de envelhecer, a de ser transformado de puxador de calça a alvo da piscada. Pelo meu filho me fazia criança novamente, lembrando a cada palavra como era bom o mundo pra onde ele nos levava.

— Senta aí.

\*\*\*

Crônica escrita em 13 de outubro de 2016.



Contribua com a mídia independente!



**APOIA.se /**  
**PAPODEGALO**



41

*Lugar seguro*





# Lembrança de que a vida vale a pena

**E**ntão amanheceu como se nada estivesse acontecendo. O primeiro raio de sol passou enevoadado pela janela, detalhando os vincos e tramas do tecido da cortina. Ele, sentado na beira da cama, desperto desde quando ainda era escuro, atinou-se ao voo lento, quase parado, da poeira que se fazia visível pelo clarão de través filtrado pelo manto de voal.

Respirou fundo o ar mais fresco da manhã de outono. Encheu os pulmões como num instinto, largos goles de ar, ao que fechou os olhos, respirando em meditação.

Os sons, a cada segundo, aumentavam em frações o volume da vida que não para. Deixou-se levar pela mente. A buzina distante remeteu ao velho carro do pai, da viagem ao interior com gosto de jaboticaba e caju, colhidos no pé por menino descalço, que exibia até metade das canelas um dégradé de barro ativo, da vermelhidão do chão ao ajuste do tom da pele.

O banho de cisterna limpava-lhe as vestes naturais, dando vez ao canto dos pássaros, que saúdam a noite como mãe chamando filho para dentro porque é hora da refeição. A luz claudicante da lamparina sobre a mesa, reluzindo suave nas frentes singelas de pais, irmãos e avô, que ceavam em silêncio grato à sorte do prato farto.

Foi numa manhã de há muito tempo que, no transitar da noite ao dia, de pé antes da hora e da vontade, que encontrou o avô sentado na cadeira de balanço da sala mirando o

horizonte que se aclarava na janela. Menino de tudo, pôs-se ao lado do velho, que logo ofereceu colo. Pulou numa empolgação contida, sem entender como se comportar em tão desconhecida ocasião.





O sol, tímido, esticou sua testa sobre a colina lá adiante. Emitiu seu aviso de chegada, que entrou, como se pedindo licença, na velha sala para ter com as faces de ambos, pintando o externo com seu brilho, fazendo perceber a poeira planando e o enevoado da noite fria que dava sua vez.

Procurando captar compreensão, virou-se para o avô e o fitou com sorriso no rosto, enquanto uma lágrima solitária escorria à face conforme o corte sobre a pele ressecada. Falou ele, apontando para o longe, “é nessa hora, meu filho, que o tempo para”.

Mais tarde, com o alumiar dançante da chama da lamparina, uniu significados entre os fachos. Cada rompante trêmulo da despedida era também uma descoberta de ângulos e traços distintos. O avô, percebendo o embarque do menino no mundo fantástico do tempo parado, piscou-lhe o olho em aprovação, para em seguida proferir uma colherada maciça em seu prato.

Fez deste um hábito das férias interioranas até o instante em que o velho sorriu pela última vez, com ele em seu colo. Sentiu, enquanto o dia acalentava, a pele do avô a esvaír-se de vida, despedindo-se na renovação, em equilíbrio.

Um som estridente interrompe o transe. De volta ao presente, o sol mais alto despintou as cores fantasiosas da manhã em paleta mais limitada. Puxou, então, o ar ainda mais forte, como se inspirando combustível para iniciar a máquina que labutaria mais um dia.

Mantém fielmente o seu ritual matinal. Precisa ver o tempo parar. E, na reconexão com a vida simples de menino descalço no colo do avô, fia-se num tempo de outrora, refugiando-se num lugar seguro de proteção e afeto, equilibrando a maciez da memória com a dureza de mais um dia na cidade, interpretando, à sua maneira, sinais de que a vida vale a pena.

\*\*\*

Crônica escrita em 25 de maio de 2020.







# APOIE PAPO DE GALO

>> [APOIA.SE/PAPODEGALO](https://apoia.se/papodegalo) <<

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E eu preciso de sua ajuda.

Você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE. Que tal 5 reais por mês, um cafezinho apenas? Bora?

Quer contribuir de outras formas? Siga, compartilhe, assine a newsletter (só um e-mail por semana, se tanto). Tem contatos? Que tal me indicar para escrever em colunas, ou me convidar prum projeto seu?

Quer ajudar mais ainda? Me manda um email e bora conversar!